



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS  
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

**Número da entrevista:** E-136

**Entrevistado:** Eraldo dos Santos Pinheiro

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** CEME-ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadora:** Paula Andreatta Maduro

**Data da entrevista:** 10/06/2010

**Transcrição:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Paula Andreatta Maduro

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** 23 minutos e 53 segundos

**Páginas Digitadas:** 10

**Catálogo:** Luciane Silveira Soares

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

PINHEIRO, Eraldo dos Santos. *Eraldo Pinheiro (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo; formação acadêmica; experiência profissional: ligação com o Rugby; função dentro do PST; visão sobre a estruturação do PST; equipes colaboradoras; avaliação do processo de capacitação; pontos positivos e negativos do Programa; opinião para a continuidade do Programa; relato sobre o Projeto Esporte Brasil.

Porto Alegre, 10 de junho de 2010. Entrevista com Eraldo dos Santos Pinheiro, a cargo da entrevistadora Paula Maduro para o Projeto Garimpando Memórias – Projeto Memória do Segundo Tempo.

P.M. – Gostaria que falasses um pouco do teu envolvimento com o Programa Segundo Tempo (PST). Como tu conhecestes este Programa?

E.P. – Eu conheci o Programa Segundo Tempo por meio de um convite quando eu estava iniciando aqui no Mestrado em janeiro 2008, para fazer parte das equipes de capacitação do primeiro ciclo de capacitação do PST. Então, eu iria trabalhar com a temática da Cultura Corporal do Movimento Humano e do Projeto Esporte Brasil que são as temáticas que meu orientador, professor Adroaldo Gaya<sup>1</sup>, faz parte. Eu fui convidado e, em janeiro de 2007, nós fomos capacitados em Maringá<sup>2</sup>. Uma capacitação para todos que fariam parte como professores do primeiro ciclo de capacitação em todo o Brasil. A partir disso, eu passei a conhecer todas as bases do PST e comecei a estudá-las também.

P.M. – A tua formação profissional (graduação e pós-graduação)?

E.P. – Eu sou professor de Educação Física formado no UNILASALLE<sup>3</sup> em 2004. Depois eu entrei no Mestrado, em 2007 e 2009, e agora, em 2010, eu estou entrando no Doutorado aqui na ESEF/UFRGS<sup>4</sup>.

P.M. – E a tua experiência profissional (escola, clube, gestão,...)?

E.P. – Eu sempre trabalhei com treinamento desde a graduação, passando por preparação física em clubes, em futebol, até atletismo. Hoje eu trabalho com “rugby”, sou técnico de “rugby”, e sou educador da “Internacional Rugby Board” aqui no Brasil. Um dos poucos educadores, no qual trabalham com o desenvolvimento da modalidade aqui no Brasil. Hoje também sou professor do Centro Universitário La Salle, no qual trabalho com as

---

<sup>1</sup> Adroaldo Cezar Araujo Gaya.

<sup>2</sup> Cidade do Estado do Paraná.

<sup>3</sup> Centro Universitário La Salle, localizado na cidade de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

disciplinas de Esportes Coletivos I e Treinamento Físico Desportivo. Faço parte da Federação Gaúcha de Rugby<sup>5</sup> como diretor técnico. Não é somente isso. Também sou vice-coordenador da equipe colaboradora 18 aqui do PST, no Rio Grande do Sul, no qual nós visitamos os núcleos para ver como estão acontecendo às coisas do Programa.

P.M. – No total de 19 núcleos?

E.P. – São 19 equipes colaboradoras. Hoje nós temos mais de 150 núcleos em todo o estado.

P.M. – Como tu conhecestes o PST?

E.P. – Por meio daquela capacitação em Maringá e, a partir dessa capacitação, passamos a conhecer os núcleos de todo o Brasil e fazendo capacitações em todo o Brasil. Então, conhecemos o PST nas suas mais diferentes formas culturais, digamos assim. Diferentes características.

P.M. – Por meio desse convite que foi feito, tu tem uma cedência? Tu és vinculado?

E.P. – Eu sou vinculado ao Programa de Pós-Graduação da UFRGS. E, por meio deste Programa, eu passei a fazer parte deste grupo.

P.M. – A tua função então, no PST?

E.P. – Eu sou vice-coordenador da equipe colaboradora 18. Em todo o Brasil, hoje, são 19 equipes.

P.M. – Qual é a função dessas equipes colaboradoras?

E.P. – Têm a função de visitar os núcleos e verificar o que precisa melhorar nos núcleos e apoiar esses núcleos que possuem alguma dificuldade em algum instante. Existe uma

---

<sup>5</sup> Fundada em Janeiro de 2010.

ferramenta de visita *in-loco* no qual preenchemos alguns requisitos e, por meio desse instrumento, verificamos o que precisa melhorar para o atendimento do beneficiado.

P.M. – Há quanto tempo tu trabalhas no PST?

E.P. – Desde janeiro de 2008.

P.M. – Qual a extensão do teu trabalho no PST (regional, estadual ou nacional)?

E.P. – Estadual com a equipe colaboradora e, Nacional nas capacitações, porque, como eu trabalho com a capacitação do Projeto Esporte Brasil e do Rugby, nós vamos para capacitações em diferentes partes do Brasil.

P.M. – Então, não é um projeto especial, mas está dentro das capacitações...

E.P. – Está vinculado dentro das capacitações. O rugby, na realidade, vem como um anexo na capacitação em que eu vou. Mas eu vou a capacitações para trabalhar com o Projeto Esporte Brasil, o PROESP.

P.M. – O que tu conheces sobre o início do PST e seus desdobramentos?

E.P. – Eu sei que ele iniciou no governo anterior a esse que está agora, com uma outra característica e que, a partir desse novo governo, passou a ter uma nova dimensão, uma nova roupagem para o Programa. Isso que eu entendo.

P.M. – E a tua visão sobre a estruturação do PST, os eixos, os núcleos, as equipes colaboradoras, enfim?

E.P. – Eu vejo que essa formatação é muito boa no sentido de que conseguimos ter os núcleos, o coordenador de núcleo que geralmente é o professor de Educação Física. Depois esse coordenador de núcleo é quem monta o planejamento pedagógico. Tem também o planejamento pedagógico do convênio, no qual há as diretrizes do convênio que estão vinculadas às diretrizes nacionais do Programa. E a equipe colaboradora vem como uma

equipe de apoio para auxiliar no desenvolvimento deste planejamento pedagógico. Então, desde o auxílio da escrita do planejamento pedagógico até a aplicação deste planejamento, a equipe colaboradora está apoiando neste sentido.

P.M. – Inclusive nos projetos especiais?

E.P. – Sim. Obviamente que, nos projetos especiais, são aquelas pessoas que são mais vinculadas àquele tipo de projeto, a especificidade daquele projeto. Por exemplo, tem o projeto especial com deficientes em Pelotas<sup>6</sup> que, quem está trabalhando com isso lá, é um especialista com deficientes, o professor Alexandre Carriconde<sup>7</sup>. Existem os projetos universitários, no qual há uma equipe que trabalha somente com esses projetos.

P.M. – E vocês fazem também essa avaliação dos projetos especiais?

E.P. – Exatamente isso. Há uma equipe que faz a avaliação dos projetos especiais. Uma equipe colaboradora que não é a nossa.

P.M. – Já participaste de algum processo de capacitação? Como foi? Para quem? E quando? Qual local?

E.P. – Foi em janeiro de 2008 em Maringá. Foi a primeira vez que fui capacitado. Depois disso, tivemos mais duas capacitações: em São Paulo e em Brasília<sup>8</sup>, no final do ano de 2008 e início de 2009, que foi a capacitação das equipes colaboradoras. Então, como vice-coordenador e o coordenador, eu e o professor Alexandre, estamos sempre tendo reuniões de tempos em tempos. Dois ou três meses nós nos reunimos com outras equipes para discutir as diretrizes, o que a equipe colaborada deve estar apoiando ou não, qual o trabalho, se o trabalho está sendo feito de acordo com o que direcionamos ou não.

---

<sup>6</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Alexandre Carriconde Marques.

<sup>8</sup> Estados brasileiros.

P.M. – Quando eu falei com o Ricardo Petersen<sup>9</sup>, ele apresentou um trabalho em “Power-Point” que falava das equipes fiscalizadoras. Não tem nada a ver com as equipes colaboradoras...

E.P. – Não. As equipes colaboradoras são realmente colaboradoras. Nós não temos o papel de fiscalização. Obviamente que, quando nós vemos alguma coisa que está muito fora do contexto, nós repassamos para os órgãos superiores, para o CGAPA<sup>10</sup>, o pessoal de Brasília. Existe também a questão da fiscalização, no qual, cada convênio, tem as pessoas naquela região que são indicadas como fiscalizadoras. Chamam de entidades fiscalizadoras. Por exemplo, se aqui na UFRGS tivesse um núcleo, um convênio, nós indicaríamos uma entidade fiscalizadora: “a Fundação ‘fulano de tal’ vai ser a fiscalizadora”. Ao mesmo tempo, também existe a questão das denúncias. Quando tem alguma coisa que não está de acordo e alguém denuncia...

P.M. – Denúncia via site ou equipe colaboradora?

E.P. – Normalmente, via site. Denuncia direto com Brasília. Aí vem o pessoal do Ministério. Então, já foge da nossa questão. Vem o técnico do Ministério ou daqui a pouco vem até o pessoal da prestação de contas, vindo verificar o que realmente está acontecendo.

P.M. – Uma pequena avaliação tua do processo de capacitação.

E.P. – Sou meio suspeito para falar sobre o processo de capacitação porque eu faço parte dele. Eu acho que os temas foram muito bem elaborados e escolhidos pelas pessoas que os desenvolveram no processo de capacitação nos dois ciclos. Nós já tivemos o primeiro e o segundo ciclo, no qual esse primeiro ciclo foram professores que estavam se reunindo há bastante tempo que desenvolveram esse tema, e, nesse segundo ciclo, tivemos o pessoal que estava fazendo parte desde a primeira capacitação, desenvolvendo os temas. Então, eu acho que, aos poucos, o programa vai evoluindo, assim como também o ciclo de capacitação.

---

<sup>9</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

<sup>10</sup> Nome sujeito à confirmação.

P.M. – Quais são os pontos positivos do Programa ao teu ver?

E.P. – É o atendimento ao beneficiado. Eu acho que realmente o atendimento ao beneficiado, toda essa estrutura para atender ao beneficiado, é o ponto positivo.

P.M. – Quais os limites do Programa?

E.P. – Vamos falar aí um pouco de pontos negativos. Essa característica do Brasil como um país continental faz com que tenha muitas diferenças culturais, ambientais, que acabam limitando determinadas coisas no programa. Por exemplo, - eu falo mais do Rio Grande do Sul porque é onde eu visito e vejo – existe um limite climático, no qual as crianças que, por exemplo, estudam à tarde, e que teriam que ser atendidas pela manhã, têm muita dificuldade em comparecer ao programa. Normalmente não tem ginásio, a quadra é descoberta. Tu vais para o campo fazer a atividade é lá está gelado, frio. Os pais limitam isso. Em outras regiões que eu conheço, também existe uma limitação, dependendo da época do ano em que as crianças têm que estar ajudando os pais, tem que estar trabalhando ou na roça ou na praia, enfim. Então, existem limitações que não bem do Segundo Tempo. São limitações dessa dimensão que é o Brasil e não conseguimos dar conta dessas, digamos, variáveis intervenientes.

P.M. – Na tua opinião, o que é possível fazer para o Programa se qualificar mais? Quais são as possibilidades do PST?

E.P. – Eu acho que é não parar com o que esta evolução. É dar continuidade com o que está sendo feito. Eu vejo que os projetos dessa magnitude têm uma tendência em chegar num determinado momento e começar a declinar. Eu acho que tem que manter essa evolução e manter essa evolução passa por manter as diretrizes do Programa, respeitar as diretrizes, respeitar aquilo que está sendo proposto. Quando eu digo respeitar, é cumprir com aquilo que está sendo proposto e também passa por ajustes que somente o tempo irá fazer com que aconteça. É como na democracia: um governo sempre vai ser melhor que o outro, mas não porque a pessoa é melhor, e sim, pelo tempo que a pessoa tem, vê o que tem de falhas, o que tem que melhorar.

P.M. – O projeto na prática atende aos objetivos propostos?

E.P. – Atende a maioria dos objetivos. Mas aí existem os objetivos específicos que atende tranquilamente e os objetivos macros que precisam de mais tempo. Vai ter inclusão social? Precisamos de mais tempo para saber isso. Não conseguimos definir isso agora. Nós verificamos que há um cenário montado, parecendo que isso vá acontecer. Mas isso não tem como sabermos.

P.M. – Vulnerabilidade é uma coisa que atende.

E.P. – Exatamente. Verificamos nos núcleos, nos lugares que vamos visitar, que as pessoas que estão sendo atendidas, realmente, são pessoas que estão em risco social. Agora, se isso vai incluir... Não que eu tenha dúvida. Eu não tenho dúvida. Mas eu preciso saber, preciso de tempo para confirmar isso.

P.M. – Tu tens algum material que possa ser doado, emprestado, para colocar no projeto memória (folder, fotos, vídeos, documentos, material de divulgação, reportagens, alguma camiseta)?

E.P. – Tem bastante coisa que pegamos nos núcleos, que as pessoas dão para nós, e isso posso estar doando, porque, na realidade, nós digitalizamos e acaba ficando com a parte digitalizada e, a parte de papel, fica... Eu trago para ti sim.

P.M. – Podemos até deixar aqui no CEME<sup>11</sup>. Tu achas importante preservar a memória do PST e por quê?

E.P. – Sem dúvida. Preservar memória é algo que, nesse primeiro momento, é trabalhoso. Daqui a pouco, algumas pessoas podem dizer: “É chato vir fazer isso”. Mas, no futuro... Vemos isso pelas coisas que tem aqui no próprio CEME.

P.M. – Tu tens mais alguma coisa para colocar? Algo importante que tu achas?

E.P. – Importante, se tu deixasses, ficávamos aqui falando o dia todo sobre isso, sobre o que pensamos, sobre o que eu penso na realidade sobre a inclusão social, sobre a participação. Eu já passei por projetos como esse quando eu era criança, porque eu fui um incluso social. Então, tu estavas falando lá da Alvorada<sup>12</sup>. Eu vim da Alvorada. Eu sei como as coisas funcionam. Nós poderíamos ficar o dia todo falando sobre isso.

P.M. – Dizem que tem um projeto agora que não é somente detecção de talentos, mas essa continuação. Nós vemos que tem muitas crianças que iniciaram no PST e já foram campeões nacionais, até internacionais, principalmente, na área das lutas, como o Taekwondo, que temos visto ali nas reportagens e até mesmo no site. O que tu pensas sobre isso? Até por trabalhar com o PROESP que é uma coisa interessante.

E.P. – A questão toda é a palavra “talento”. Essa palavra gera muitos desconfortos em algumas pessoas. Nós sabemos que a população brasileira tem um potencial enorme enquanto talento, até pela quantidade, porque, com essa quantidade de gente, certamente, tu tens uma possibilidade de ter também uma quantidade importante de talentos. O Projeto Esporte Brasil, que é o que está inserido como avaliação das capacidades físicas e de crescimento das crianças e jovens do PST, tem uma visão, uma bateria de testes, uma avaliação, que avalia o crescimento, o estado nutricional e a aptidão física relacionada à saúde e ao desempenho motor. A partir do momento que tu faz essas avaliações, tu tens um número e, com esse banco de dados, o Projeto Esporte Brasil separa nesse banco de dados daquela população avaliada, ou seja, daquelas crianças do PST, os 2% melhores. Esses 2% melhores vão estar num banco de dados. Elas são consideradas talentos motores. O Ministério do Esporte, por uma questão de marketing, chama de talentos esportivos. Nós sabemos que seria de extrema importância que, essas crianças detectadas como talentos motores, tivessem um núcleo de base, a possibilidade, a oportunidade, de estar fazendo parte de um clube ou de uma atividade orientada para aquela possibilidade que ele possui para ter até uma inclusão social, uma inserção na questão do esporte formal e do esporte de rendimento. Mas eu acho que o Brasil ainda está engatinhando em relação a isso. Hoje nós temos o maior banco de dados do mundo. Nós temos mais de 100 mil avaliações no banco de dados do Projeto Esporte Brasil. Só que esses dados são utilizados para questão de

---

<sup>11</sup> Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

<sup>12</sup> Cidade da região metropolitana de Porto Alegre.

saúde. Hoje nós já temos ponto de corte de índice de massa corporal para as crianças brasileiras. Nós temos ponto de corte para capacidade cardiovascular para as crianças brasileiras. Mas, para o lado do talento - que hoje estou direcionando a minha tese de doutorado – ainda estamos muito atrás de muitos países que não possuem essa matéria prima que nós possuímos. Então, eu acho que no PST, a partir do momento em que as pessoas não entenderem que isso é uma “caça” aos talentos, entenderem que isso é parte de um processo, que realmente os melhores... O que acontece hoje no Brasil: nós temos as escolas inclusivas. Essas escolas não incluem as crianças com altas habilidades. Incluem aquelas crianças que tem deficiência. O que eu estou dizendo não é que as crianças que tem deficiência... Mas também tem que incluir, deve-se incluir, as crianças com altas habilidades. E nós temos inúmeros exemplos de crianças com altas habilidades. Eu trabalho com esporte no clube e vejo crianças com altas habilidades das capacidades motoras e que, ainda bem, foram para lá no meu clube e, hoje, são atletas que, com dois anos na modalidade, já fazem parte da seleção brasileira. Então, a questão toda de oportunidade.

P.M. – Oportunidade e sorte.

E.P. – Hoje é sorte. Mas eu penso que deveríamos tratar menos com a sorte e mais com a...

P.M. – Já que se tem esse banco de dados.

E.P. – Exatamente.

P.M. – É uma preocupação. Antes, a FUNDERGS<sup>13</sup> tinha essa ideia de iniciar o trabalho. Mas agora, com essa mudança de direção, eu não sei se vai continuar essa parte do talento. Porque o talento é uma coisa que, para nós que somos do esporte, é complicado. Nós entendemos o talento. O talento não é uma pessoa que vai ser usada. É ao contrário. É uma criança que, ao meu ver, como trabalha dos sete aos dezessete anos, para essas crianças pequenas, tem que trabalhar exatamente essas capacidades físicas. Não a especificidade do esporte, da modalidade. Muito pelo contrário. Se elas trabalharem todas as capacidades motoras, vão ter...

E.P. – As capacidades coordenativas, a questão das habilidades...

P.M. – As condicionantes, principalmente.

E.P. – Exatamente.

P.M. – Porque, se nós trabalharmos nesse sentido, o aluno que chegar lá já vai estar apto a trabalhar com as modalidades.

E.P. – Exatamente. E, aquele que não chegar, vai ser o que o professor Adroaldo chama de “esportivamente culto”. Ele vai poder, no momento de lazer dele, ser fisicamente ativo. Que é o que não acontece hoje.

P.M. – Não tem essa oportunidade. Acho que isso é importante. Te agradeço imensamente, porque eu sei que vocês passam correndo o tempo inteiro.

E.P. – Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>13</sup> Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul.